

Roer as unhas,
até sair poesia

Bite your nails
till poetry comes out

Fernando Tatagiba*

I¹

É muito fácil escrever poesia moderna.

Basta colocar uma frase embaixo da outra, deixando – dos dois lados do papel – os indefectíveis espaços em branco.

Todo o mundo pode escrever poesia. Não é preciso mais rimar nem metrificar – condições que, antigamente, deixavam muitos ao largo da arte poética.

* Fernando Valporto Tatagiba (1946-1988), jornalista e escritor, autor de *O sol no céu da boca* (contos, 1980); *Invenção da saudade* e *Rua* (contos, crônicas e reportagens, 1986) e *História do cinema capixaba* (1988).

¹ TATAGIBA, Fernando. Roer as unhas, até sair poesia. *Muquy News*, 1984.

Todo o mundo pode escrever poesia. Mas nem todo mundo é Poeta.

Um poema – ao contrário do que muita gente pensa e faz – é mais do que um libelo ou um discurso.

É necessário eliminar o excesso discursivo e o complexo metafórico – a síntese do verso.

Condensar, como dizia Ezra Pound.

II

Depois do Concretismo, do Neoconcretismo, da síntese cabralina e da Poesia Praxis, é necessário – além de um forte conteúdo – uma forma vibrante para se construir um bom poema.

Aqui no Espírito Santo, no entanto, 99 por cento dos livros de poesias publicados são de textos discursivos, escritos por pessoas que desconhecem que todo o mundo já escreveu tudo antes delas e que só resta a forma explosiva para se comunicar algo.

III

Mas nem tudo está perdido.

No meio do oceano de lugares comuns, um pequeno rio passa, modernizando a poesia do Estado. E mostra – logo na primeira página – a irreverência bunuelesca com um “Não dedico”.

“ESTILO DE SER ASSIM, TAMPOUCO”, de Sérgio Luiz Blank, primeiro trabalho publicado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida visando levar ao público

textos alternativos, que provavelmente nunca viriam à luz pelos próprios autores, tendo em vista o elevado custo da edição.

O poeta, com apenas vinte anos, demonstra uma maturidade assustadora.

Comete, no entanto, um engano: juntou poesias sem méritos com textos excelentes – só para fazer volume.

Se ele pensasse bem, publicaria somente seus melhores trabalhos. Aí, sim, o livro seria uma obra-prima.

Sérgio Luiz Blank não é apenas um apanhador de palavras, um empilhador de versos ao léu.

Tem verdadeiro senso poético – e uma visão estética – roendo as unhas até extrair poesia.

E a extrai muito bem.

IV

O leitor se depara, logo nas primeiras páginas, com seu talento em “A pequena grande vitória do santo espírito” (“o espectro de maria ortiz/ lava as escadas fétidas/ urina dos mendigos...”). E se assusta em seguida com seu dinamismo em “Parlamento – música triste” (“Aqui/ jazz/ ali/ blues/ lá/ soul/ adiante/ rock/ antes/ valsa/ acolá/ samba/ depois/ tango...”).

Seu conteúdo é forte e conscientiza o leitor: “Um mapa do brasil/ sobressai uma floresta/ a selva dos trópicos/ uma tribo/ tem índio na mata/ mata!/ mata! mata!”).

É sarcástico em “Educação moral e cívica” (“lar doce lar/ pensão familiar/ dorme cedo/ atraso no aluguel/ moças de família/ usam sutiens...”).

Poderiam ser citadas diversas poesias do mesmo nível como “cheiro de sabonete no cabelo molhado”, “hermético”, “a família se comove”, “só lidar com a solidão”, entre outras.

Um livro para se ler e guardar. Ao contrário da totalidade dos livros de poesias publicados aqui, que é melhor nem ler.

A salientar, em “ESTILO DE SER ASSIM, TAMPOUCO”, o bom gosto e a criatividade da capa e contracapa a cargo de Sandra Medeiros.



Fac-símile do artigo de Fernando Tatagiba.